

## **Memorial de Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro**

Meu nome é Claudio Tadeu Daniel-Ribeiro e, tenho demonstrado inquebrantável e dedicado compromisso com o nosso Instituto – Casa que todos amamos – ao longo dos últimos 37 anos. Como servidor público e cientista, sempre respeitei todas as regras que normatizam as boas práticas e condutas em um Instituto de pesquisa de 120 anos de contribuições para a saúde da sociedade brasileira. Defendo, com afinco, a harmonia em prol do bem maior do nosso desenvolvimento e crescimento enquanto instituição. Como cidadão e médico, vivo com consternação e grande desassossego o momento sanitário e político atual, sigo, porém, seguro de que o Instituto tem empenhado seus melhores esforços para enfrentar a pandemia de Covid-19.

Costumo ser chamado de Cláudio Ribeiro, na maior parte dos lugares onde transito por conta da minha atuação profissional. Sou filho de Ayrton Daniel-Ribeiro, um aviador que se tornou engenheiro e empresário da construção civil e de Lia Catão-Ribeiro, uma professora que se tornou Diretora de escola pública. Nos meus bem vividos 68 anos, tive a felicidade de construir um verdadeiro patrimônio pessoal e profissional. Casei-me duas vezes com grandes mulheres, ambas médicas: Maria Elizabeth Castello-Branco, que fez seu doutoramento na Pós-graduação em Medicina Tropical, e Patrícia Brasil, conhecida no nosso meio, porque, além do Doutorado na Pós-Graduação em Biologia Parasitária, construiu uma carreira brilhante como infectologista no Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, e é reconhecida nacional e internacionalmente. Foi com elas que tive três filhas maravilhosas: Carolina e Mariana, com Beth; e Maria, com Patrícia. Durante a minha trajetória acadêmico-científica e sobretudo no meu trabalho no IOC, que considero a minha Casa desde sempre, pude construir um currículo e uma vida plena de reconhecimentos, que devo, sobretudo, à generosidade de várias academias, associações, instituições sociedades sobre as quais falarei adiante.

Cheguei no Instituto Oswaldo Cruz em dezembro de 1983, trazido pelas mãos de Bernardo Galvão-Castro Filho e José Rodrigues Coura (querido amigo que nos deixou há poucos dias), logo após a conclusão de meu doutoramento na Universidade de Paris VI. Fui contratado imediatamente como Pesquisador Auxiliar, único cargo disponível na época (em que não havia um Plano de Cargos e Salários, pelo qual lutei com vários outros colegas, e de cuja construção participei na gestão Arouca). Tive nessa época estrito convívio com numerosos colegas do IOC (lembro de Octávio Pieri, Ana Carolina Paulo Vicente, Claude Pirmez... ) e de vários outros de outras Unidades da Fiocruz.

Fui promovido a Pesquisador Titular (junto com Gabriel Grimaldi Jr. e Wilson Savino do nosso então Departamento de Imunologia, DImuno) por uma banca externa à Fiocruz em 1987, aos 35 anos (então o mais jovem da Fiocruz), após processo conduzido pela “Comissão de Estudos e Reclassificação dos Pesquisadores” (a

CERP, presidida por nosso notável e saudoso colega Henrique Leonel Lenzi), da qual tive a honra e o privilégio de participar (com Ana Carolina Paulo Vicente, José Jurberg e a saudosa Lígia Madeira). Com a transferência de Bernardo Galvão para a Bahia em 1988, assumi, aos 36 anos, a chefia do querido e conhecido DImuno, em cargo, posteriormente eletivo, que exerci por 11 anos. Defendi e apoiei a inserção da estrutura informal de Laboratórios no DImuno por Galvão, a exemplo do que fizera Carlos Morel no Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular (o renomado DBBM), antes da formalização da estrutura laboratorial que só ocorreria no credenciamento de Laboratórios na gestão de Sérgio Coutinho em 1991. Em sua última composição, o DImuno contava com um Conselho Departamental forte (Gabriel Grimaldi, Joseli Lannes Vieira, Leonor Laura Leon, Luiz Roberto Castello Branco, Maria de Fátima Ferreira da Cruz, Mariza Morgado, Sérgio Coutinho Furtado de Mendonça, Wilson Savino, além de representantes do pessoal administrativo, técnico e discente e da, então, jovem doutora Alda Maria da Cruz, que integrou minha gestão como Vice-chefe). Foi um enorme aprendizado de gestão democrática e participativa através de decisões colegiadas. Conteí com a parceria de Ivone Ventura, Ricardo Montarroyos e Ruth Andriolli e Sylvia Quintana no apoio administrativo. Com todo o conjunto de colegas do DImuno, realizamos fraternas comemorações, incluindo alegres festas juninas e confraternizações de Natal. A mais marcante delas foi, sem dúvida, a celebração dos 25 anos do DImuno, marcada por um simpósio de dois dias, onde o grande homenageado foi Bernardo Galvão-Castro Filho, o idealizador e criador do departamento. Minha posição à frente do DImuno de 1988 a 2007 e de Chefe de Laboratório desde então, me faz membro do CD-IOC há mais de três décadas, sendo essa, portanto, uma instância que conheço bem, inclusive por já tê-la dirigido.

Em 1993, fui eleito diretor do Instituto Oswaldo Cruz, em um processo com disputa eleitoral pela primeira vez na sua história, pelo menos que se tenha notícia. O processo ocorreu de forma harmoniosa, tendo sido Renato Sérgio Balão Cordeiro - que se tornaria Diretor poucos anos depois - parceiro da diretoria eleita, contribuindo efetivamente para as decisões do CD-IOC onde também tinha assento como Chefe do conhecido e ativo Departamento de Fisiologia e Farmacodinâmica (DFF). Era outro tempo e nossa direção foi marcada pelo início da transparência das ações, processos e orçamento, distribuído entre os Departamentos para a realização de compras. Naquele momento identificamos todos os processos de compras de equipamento de médio e grande porte em curso e estabelecemos uma ordem de priorização dos processos, aprovada pelo CD-IOC, o que permitiu a compra de forma democrática, respeitando todos os interesses. Implantamos e organizamos o setor de compras com um almoxarifado com produtos plásticos e descartáveis importados e, com a ajuda de Henrique Lenzi, disponibilizamos toneladas (foram caminhões) de produtos do catálogo da Thomas durante toda a gestão. Informatizamos (um computador e uma impressora, um grande esforço para a época) todos os Laboratórios do IOC, renovamos vários microscópios do IOC com diferentes funções, inclusive no laboratório de ensino, e adquirimos o primeiro microscópio confocal do IOC. Reformamos o Pavilhão Lauro Travassos e iniciamos a reforma do auditório do Pavilhão Arthur Neiva, organizando a Secretaria

Acadêmica, para a coordenação da qual trouxemos Maria Alice Sigaud, colega do INCA. Estabelecemos a primeira Assessoria de Imprensa do IOC e criamos o “Informe IOC”, vigente até hoje, para divulgação rápida de informações importantes na comunidade. Fizemos o mapeamento de competências expresso no livro “Quem é quem no IOC”, utilizados por anos até que ficasse obsoleto. Foi em nossa gestão que ocorreu a criação das Câmaras Técnicas (em contraposição aos “Senados”, que julgávamos que eram os Conselhos com uma representação de cada unidade ou departamento, de tamanhos muito variáveis) de pesquisa (CTP) e ensino (CTE) e as comissões de espaço e recursos humanos. A Comissão de Espaço, em um trabalho detalhado e exaustivo conduzido por Delir Correa Gomes Maués da Serra Freire e Ana Maria Coimbra Gaspar, deu origem à proposta de ocupação do Pavilhão Leônidas Deane, aprovada pela primeira vez no CD-IOC. Foi um período de grande luta pela valorização do Instituto e melhoria de suas condições de trabalho junto à presidência. Lutamos também pela obtenção de recursos extramuros e fora dos circuitos tradicionais, conseguindo financiamento consequente da Fipec (Banco do Brasil) para um grande projeto (de Aids e imunidade de mucosa) do IOC. Nossa gestão conduziu o segundo processo de credenciamento, cujos princípios e objetivos eu já conhecia por ter dele participado na gestão de Sérgio Coutinho que regeu o primeiro com ajuda da – então – “Comissão”, que tive a honra de integrar (com os saudosos José Rodrigues Coura, Herman Gonçalves Schatzmayr, Henrique Lenzi e Maria de Nazaré Meirelles).

Também integrei as (já) Câmaras de Pesquisa nas gestões posteriores dos Diretores Renato Cordeiro e Wilson Savino, tendo, portanto, participado da formulação de políticas para as atividades de pesquisa do IOC em todas essas ocasiões.

Sob o ponto de vista da divulgação do conhecimento, organizei uma das primeiras reuniões internacionais do IOC contemporâneo, criando o “Simpósio Internacional sobre Malária”, que se tornaria a “I Reunião Nacional de Pesquisa em Malária” (RNPM) e passaria a ocorrer em ritmo bienal de forma itinerante. A XVI RNPM está prevista para ocorrer em 2022, também no RJ, organizada por Leonardo Carvalho, ex-aluno e atual colega e colaborador do Laboratório de Pesquisa em Malária (LPM). Nosso Simpósio foi seguido de perto pelos “I Simpósio Internacional de Matriz Extracelular” e o “I Simpósio Internacional de Esquistossomose” criados, respectivamente, por Wilson Savino e Miriam Tandler. Também organizei, junto com Hooman Momen, e pela primeira vez no hemisfério Sul, o “IV Congresso Internacional de Malária e Babesioses”, em 1991. Em 2012 então como presidente eleito da Federação Internacional de Medicina Tropical (IFTM), trouxe para o Brasil o “XVI Congresso Internacional de Medicina Tropical e Malária”, que havia acontecido na nossa cidade em 1963, quase 50 anos antes. Organizei-o, presidindo o seu Comitê Científico, junto com José Rodrigues Coura, Presidente do Congresso. O Evento, que reuniu milhares de participantes, foi ocasião para a cerimônia de minha posse como Presidente da IFTM, cargo que exerci por quatro anos.

Logo após chegar no DImuno atendi ao chamado de Galvão-Castro designando-me Organizador e depois Coordenador da Disciplina de “Imunologia Geral”, o que fiz por 23 anos (1988-2011), parte deles com minha colega Mariza Morgado. Coordeno

atualmente e desde 2002 (em parceria sucessiva com Dalma Maria Banic, Leonardo José de Moura Carvalho e Lilian Rose Pratt Riccio) a disciplina de “Malariologia Fundamental”. Minha paixão e prazer pelo ensino extrapolam os muros do LPM – onde orientei dezenas de estudantes, do Provoc ao Doutorado assim como profissionais em estágio de pós-doutoramento – criando diversos fóruns para a formação de grupos de jovens estudantes em todos os níveis e áreas. Um exemplo a ser citado é o “I Curso Internacional de Malariologia”, realizado na Amazônia brasileira, em 1990, com apoio e chancela da Organização Mundial da Saúde. O curso foi dividido em dois módulos: o de “Malariologia fundamental”, com dois meses de duração, na cidade de Belém, em cooperação com o colega e amigo, também recentemente falecido, José Maria de Souza; e o de “Epidemiologia e controle”, sob a coordenação de Bernardino Cláudio Albuquerque e Paulo Sabroza, em Manaus, por um mês. Criei, na Amazônia, laços de trabalho e colaboração que perduram e estão ativos até hoje. O Curso formou 15 profissionais, que hoje atuam no Controle dessa endemia no Ministério da Saúde, em secretarias da saúde no Brasil ou em seus Países de origem. No ano do Centenário do IOC, propus ao Reitor da Universidade Federal do Pará, Cristóvam Picanço Diniz, a realização de um doutorado Interinstitucional, antes mesmo que a figura formal do Dinter surgisse na Capes. Com o apoio de várias instituições (UEPA, UFPA e Instituto Evandro Chagas - IEC - e da própria Capes), organizei, na gestão de JR Coura e com a colaboração de uma comissão (que incluiu Henrique Lenzi, Ricardo Lourenço de Oliveira, Ana Maria Coimbra Gaspar, Márcia Lázera e posteriormente Bodo Wanke), um programa que formou 14 doutores, já professores das universidades locais e/ou pesquisadores do IEC, até 2010. Inúmeros professores das Pós-Graduações em Biologia Parasitária e em Medicina Tropical do IOC (lembro de Alda Maria da Cruz, Andréa Henriques Pons, Ester Maria Mota, José Paulo Gagliardi Leite, Leonardo José de Moura Carvalho, Marcelo Alves Pinto, entre outros) participaram das disciplinas que organizamos e oferecemos aos alunos em Belém. Em decorrência de nossos contatos com os neurocientistas que dirigiam o Núcleo de Medicina Tropical e o Instituto de Ciências Biológicas, criei a “Jornada de Cognição Imune e Neural” que ocorreu por quatro edições e parou de acontecer com o falecimento de Luiz Carlos de Lima Silveira (UFPA, ABC), co-criador do Evento, e amigo querido por quem sempre nutrirei enorme admiração e estima. O próximo evento, agora Simpósio, está previsto para voltar a ocorrer na cidade de Belém, junto com o Congresso da Sociedade Brasileira de Neurociências e Comportamento (SBNeC). Todos esses Eventos resultaram na criação de números especiais de Jornais que co-editamos como Editores convidados. Foi por conta deste trabalho que escrevi e publiquei o livro “Imagens, micróbios e espelhos” (Editora Fiocruz, 2017) em colaboração com Yuri Chaves Martins, um colega anestesiológista e especialista em dor, hoje radicado nos EUA, que chegou no LPM aos 15 anos de idade, como estudante do Programa de Vocação Científica (Provoc) da Fiocruz, e nele ficou por 10 anos.

Um dos mais importantes marcos de minhas atividades de ensino é o “Simpósio Laveran & Deane” (SL&D, <http://www.ioc.fiocruz.br/laverandeane/>), organizado, sob minha coordenação e em parceria com Maria de Fátima Ferreira da Cruz, desde 1995, que alcançou reconhecimento nacional. Durante esse tempo, avaliamos e

aprimoramos 328 projetos de pós-graduação com a participação de um corpo de 134 professores, conjuntamente com os discentes, público alvo do SL&D. O Seminário se beneficia ainda da presença regular de colaboradores seniores franceses e apoio formal do Consulado da França, é hoje um evento regular do calendário da programação anual das colaborações Brasil-França e conta com uma representação consular regular há alguns anos na cerimônia de encerramento. Em uma dessas ocasiões, Florence Puech, Adida de Cooperação Técnico-Científica do Consulado no Rio de Janeiro, anunciou, para minhas grandes surpresa e emoção, que eu havia sido sagrado *Chévalier des Palmes Académiques* (instituída com essa denominação por Napoleão I em 1808, essa é a mais antiga das distinções atribuídas a título civil pelo governo Francês) pelo Ministro da Educação Francês. A celebração de 25 anos do SL&D, prevista para acontecer em 2020, só será possível em 2022. A *Universidad del Valle* (Cali Colombia) e a Universidade Federal do Pará usaram os moldes do SL&D para organizar eventos semelhantes para a seleção de alunos na PG ou para aperfeiçoamento de projetos. Os Seminários Laveran & Deane foram criados como um “Seminário do Instituto Oswaldo Cruz”, nome que ostentam até hoje.

No que tange à divulgação científica, permito-me citar dois programas: o “Academia na Serra” realizado bienalmente, em uma parceria entre a Fiocruz, a Academia Nacional de Medicina, e a Faculdade de Medicina de Petrópolis, um Simpósio (na Serra) que permite que cientistas e médicos renomados apresentem para estudantes de medicina temas complexos e atuais de forma simples. Assim, já por duas ocasiões colocamos juntos: Adeilton Brandão, Jerson Lima e Silva, José Gomes Temporão, José Jesus de Peixoto Camargo, Leila Chimelli, Margareth D’alcomio, Maria Goretti Rosa Freitas, Oswaldo Moura Brasil, Paulo Niemeyer Filho, Paulo Saldiva, Ricardo Lourenço de Oliveira, Walter Araújo Zin e outros, para palestrar sobre os temas de suas expertises para uma audiência de mais de 300 estudantes, tendo sido as palestras publicadas em números dos Anais da Academia Nacional de Medicina. O segundo programa chama-se “A Academia na Escola” e tem coordenação conjunta de Priscilla Bomfim (da Universidade Federal Fluminense) em Niterói e minha, com Silvano Vecchi (da Secretaria Municipal de Educação) e Luiza Oliveira Ramos Pereira (do Laboratório de Pesquisa em Leishmanioses, IOC, Fiocruz), no Rio de Janeiro. O programa propõe levar acadêmicos (*Lato sensu*) para palestrar e desenvolver atividades didático pedagógicas em escolas públicas, aproximando estudantes de primeiro grau do mundo da ciência.

No decorrer das minhas atividades no IOC, formei colegas que formaram outros, alguns dos quais integram o nosso Laboratório. Nosso grupo é constituído hoje por seis doutores, dois deles formados por mim, dois outros formados no Laboratório e uma colega da UFRJ que logrou sucesso em um concurso e se juntou a nós enriquecendo o grupo. Claudia Castro Carvalho, Analista Administrativa, conosco há incontáveis anos, gere e organiza tudo o que fazemos. Aline Lavigne, tecnóloga terceirizada, cuida da atividade de Referência sob a batuta da Fátima Cruz. Assim, a equipe conduz hoje pesquisas que incluem o controle genético da resposta imune, a

malária zoonótica na Mata Atlântica (MA), o uso de primatas não humanos para estudos vacinais pré-clínicos ou desenvolvimento de hipnozoiticidas, e a epidemiologia molecular de *P. vivax* na Amazônia Brasileira e na Mata Atlântica. Também estudamos os mecanismos imunopatológicos da malária cerebral com a tentativa de desenvolvimento de fármacos para o tratamento adjuvante dessa complicação da doença, os determinantes de resposta imune inata no modelo murino de malária grave, a imunomodulação do comportamento para prevenir sequelas cognitivo-comportamentais da malária não grave experimental e os mecanismos de imunossupressão e anemia nas malárias humana e murina. Com esse amplo perfil de temas e linhas de pesquisa, estabelecemos parcerias com inúmeras instituições estrangeiras, sendo aquelas com a França às que mais me dediquei, incorporando-me em estudos multicêntricos (Colômbia, Dinamarca, França, Senegal) com vistas ao desenvolvimento de uma vacina dirigida contra formas sanguíneas do *Plasmodium falciparum*, a mais frequente e letal espécie plasmodial. Tal projeto tem sido realizado em colaboração com e sob a coordenação de meu amigo Pierre Druilhe, no meu entendimento, um dos mais brilhantes (e difíceis) e sofisticados pensadores da área de malariologia do mundo. Foi por conta desses projetos que consegui mais recursos para o nosso trabalho e me aproximei de mais colegas, inclusive iniciando projetos em outras sub-áreas, como a parceria com colegas de Montpellier, para a caracterização genômica de parasitos similares a *P. falciparum*, surpreendentemente encontrados na Mata Atlântica. Essa colaboração se soma às que temos com colegas da Arábia Saudita, Brasil e Japão, com finalidade de aprofundamento do estudo molecular do *P. simium*, agente causal da malária zoonótica na região. As colaborações com os centros do primatologia da Fiocruz e do Instituto Evandro Chagas em Belém também foram cruciais, e não avançamos mais por falta de infraestrutura adequada na Fiocruz.

Cabe lembrar que Fátima Cruz e eu somos membros fundadores da Rides (Rede de Investigação e Desenvolvimento de Saúde) desde a sua criação, no Brasil em 2005, por Virgílio do Rosário. A Rides tem como objetivo estimular a interação entre Portugal e Brasil com Países Africanos de Língua Portuguesa (Palops), na área de saúde. Essa Rede nos permitiu, não só estender os trabalhos de epidemiologia molecular aos Países parceiros, sobretudo, Angola e Moçambique, como receber seus estudantes. Além disso, por conta de nosso papel na Federação Internacional de Medicina Tropical, pudemos auxiliar e apoiar a criação de uma Sociedade Angolana de Medicina Tropical. O Professor Filomeno Fortes, nosso principal interlocutor naquele país, é hoje o diretor do “Instituto de Higiene e Medicina Tropical de Lisboa”, o que nos aproxima ainda mais de Angola e Portugal. Em tempo, pretende-se a implantação de um Seminário Lusófono nos moldes do “Seminário Laveran & Deane”, em Portugal.

Por fim, reforço o já dito: o repertório de minhas ações ao longo dos últimos 37 anos reflete o meu inquebrantável e dedicado compromisso com o nosso Instituto – **a Casa** que todos amamos.

A versão integral de meu *Curriculum vitae* está acessível através do link <http://lattes.cnpq.br/0814854098256062> que também foi disponibilizado a essa Comissão Eleitoral na Ficha de Inscrição.

### **Resumo Acadêmico**

*Sou Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro (MD, DSc, DHC), médico, imunoparasitologista, Chefe do Laboratório de Pesquisa em Malária do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e Coordenador do Centro Nacional de Referência em Malária (2004) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Pesquisador Titular da Fiocruz e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, atualmente 1B) e Cientista do Nosso Estado (Faperj), Professor orientador permanente no programa de Pós-graduação em Biologia Parasitária do IOC; Acadêmico das Academias Nacionais de Medicina do Brasil (2010) e da França (2009) e das Academias Fluminense de Medicina (2002) e de Letras (2019). Sou também Membro da Câmara Técnica de Doenças Infeciosas e Parasitárias do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro (2010), Presidente do Comitê Assessor para o ensaio clínico de fase II do projeto Development of a Vaccine Against Schistosomiasis based on the recombinant Sm14 a member of the Fatty Acid Binding Protein (2016), Membro do Conseil des Partenaires Internationaux de la Fondation Académie de Médecine (Paris, 2018) e Membro dos Comitês Gestores do INCT/CNPq de Neuroimunomodulação e da Rede Faperj de Neuroinflamação. Sou Diretor de Arquivo da Academia Nacional de Medicina (ANM) e Editor Associado dos Anais da ANM (2020). Fui Chefe dos Departamentos de Imunologia (1988-1993 e 2001-2007) e de Ensino (1997) e Diretor do IOC-Fiocruz (1993-1994) e Professor Associado (1997-1998) da Faculté de Médecine Pitié-Salpêtrière (Universidade de Paris VI), onde me doutorei, bem como Presidente da Federação Internacional de Medicina Tropical (IFTM, 2012-2016), cuja Diretoria integro desde 2001, atualmente como ex-Presidente. Recebi o Prêmio Sendas (Brasil, 1997) e a Médaille de la Société Française de Médecine Tropicale (França, 2016) e fui nomeado (junto com Wilson Savino) Chevalier des Palmes Académiques pelo Ministro da Educação Nacional da França (2012). Além disso, foi-me outorgado o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Nova de Lisboa (Portugal, 2016). Sou assessor ad-hoc de diversos órgãos governamentais de fomento à pesquisa, editor associado da revista Neurociências e Psicologia e membro do Conselho Editorial de diversos periódicos científicos internacionais. Tenho experiência na área de Parasitologia, com ênfase em Protozoologia, atuando principalmente nos seguintes temas: malária humana e de modelos experimentais símios e murinos, Plasmodium falciparum, P. vivax, P. simium e P. berghei, imunidade protetora, ensaios vacinais, malária da Mata Atlântica, imunopatologia da malária e imunomodulação de sequelas cognitivo-comportamentais associadas à malária. Também tenho interesse nos aspectos cognitivos das respostas imunológicas e neurais e na história da imunologia. Publiquei 235 trabalhos (162 dos quais artigos indexados no PubMed).*

Rio de Janeiro, 7 de abril de 2021



Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro  
Pesquisador Titular em saúde Pública